

O instante da bolha

VANA CAMPOS

AMOSTRA



1 – A transparência

O vaso de vidro estava no canto da estante e dava conforto a pequenas flores azuladas e roxas. Através do vidro transparente, a luz refletia e singelos raios se espalhavam pelo cômodo. Clara notou primeiro os desenhos da luz pela sala. Passou por alguns riscos iluminados no chão e levantou a mão no ar, buscando por outros raios. “A luz fica bonita em formas geométricas”, pensou abstrata. “Mas é engraçado”, divagou. “Algo sem tamanho ou medida, condensado em uma forma... Uma forma temporária, que logo se perderá...” constatou, sentindo alguma espécie de alívio.

Seguiu a luminosidade com os olhos até o vaso e notou que havia flores um pouco desbotadas no meio do ramo. “Desbotadas, desbotadas”, pensou repetidamente.

Em um gesto brusco, tirou as flores opacas de uma só vez. O vaso cambaleou e rodou e rodou, no mesmo lugar, parecendo estar à beira. Pensou que ia cair até se equilibrar novamente. Ela ficou em suspenso, também à beira.

Olhou para o vaso retomando a respiração. Como se tivesse que se adaptar ao novo formato. As flores em tons pálidos em uma das mãos. Gotas de água pintavam o chão.

“Estava mais bonito com as flores mais velhas. O roxo fica bem mais roxo e o azul deixa a parede mais viva”, disse um pouco desapontada.

Pensou em colocar as flores de volta. Não agradava nada jogá-las no lixo. Mas, subitamente, refrescou-se no próprio pensamento. Achou tudo isso meio dramático demais, dirigiu-se até o jardim no fundo da casa e jogou as flores na base de um limoeiro.

Voltou à sala e ao vaso de vidro. Algo ainda chamava a sua atenção. Chegou bem pertinho daquele pote comprido e afunilado e deitou o rosto em uma das mãos. Teve vontade de dizer algo e não disse. Então, focou no vidro.

A transparência mostrava galhos embaraçados, de tamanhos variados, de um marrom impactante, que lembravam garras de pássaros. Mas a água distorcia tamanhos e formas, ampliando todo e qualquer detalhe dentro do vaso. Os galhos pareciam grandes demais onde eram encobertos pela água.

Portanto, a transparência mostrava e não mostrava o que havia dentro daquele lugar. Via-se tudo o que acontecia ali, mas a realidade era completamente diferente dentro e fora do vaso.

“Nem a transparência pode transparecer a realidade, porque a realidade é diversa demais para aparecer, disse em voz alta. A realidade dos galhos, mais a realidade da água, mais a realidade do vidro viravam um montante de realidades visíveis ou não, dependendo de quem as vê”, continuou.

Lembrou-se de quando era criança e ficava tanto tempo na piscina ou na banheira que se acostumava com sua forma distorcida e enrugada. O que muitas crianças achavam estranho, ela sentia como confortável. Os pés que nunca encontravam o fundo, o corpo amolecido, quase sem controle, a deixavam alegremente leve. Quase suave. Não fossem as brincadeiras de pernas e braços, os gritos e os pulos, diria que passava bons momentos na água.

“Existe a transparência?”, pensou, puxando um pouco as sobancelhas para dentro. Sentiu o rosto tensionado. A língua repuxando. Procurou conscientemente aliviar o rosto. Eu não sei...”, soltou o corpo, que ainda estava debruçado sobre o móvel, e deixou o braço despedir-se languidamente.

Atravessou a pequena sala e entrou em um quarto amplamente iluminado. Uma janela de madeira ocupava o centro e, estando totalmente aberta, mostrava um lindo plátano, o céu metalizado e a esperança. Ao lado da janela, um cavalete com uma tela esboçada. Suaves traços de um rosa bem claro sugeriam uma árvore a ser descoberta.

Rodeou a tela, iniciando um ritual. Tinha que se aproximar com prudência, mas sem deixar de ter ousadia. Essa combinação poderia soar como um movimento truncado, de recuo e avanço, mas não era bem assim. Ela pensava que as duas características pudessem ter uma mistura homogênea e acontecessem na mesma medida e, para isso, ajustava-se ao passo de dois animais: um orangotango e uma águia. “Estava se esforçando demais para entrar nesse clima”, pensou, olhando os pincéis limpos e a água ainda transparente.

Chegou a pegar o pincel maior quando ouviu fortes palmas vindas da frente da casa. Foi quase um alívio. Deixou o pincel na mesinha do cavalete e correu alegre. Debruçou-se sobre a janela da cozinha e sorriu para Samuel, um homem de cores frutadas que acenava na porta.

Clara não o conhecia bem, mas a familiaridade que ele tinha com o sítio (onde morou em sua infância) e com ela própria parecia cordial e talvez comum na cidade do interior.

Ele devia ter uns trinta e tantos anos a mais do que ela, o que lhe conferia um ar paternal. Tinha gestos expansivos, um bigode todo despenteado e uma voz ampla, porém doce.

— Entre, Samuel! Vou fazer um café novo e fresco para nós! — Ela tinha um tom convidativo.

— Então não atrapalho? — disse, entrando na cozinha. Limpou as mãos na calça jeans antes de cumprimentá-la e deu-lhe as mãos.

— Nada — respondeu Clara, alegre, procurando o pote com o pó.

— A sensação de familiaridade eu ainda só encontro aqui. Aos poucos, vou me lembrando de um lugar ou outro, mas nada que me dê a sensação de ser uma pessoa única; ainda parece que vivo apenas de pedaços de histórias — disse Samuel, pegando a asa da xícara vermelha que ela lhe passou.

Enquanto ele falava e colocava as xícaras na mesa, ela esperava que a água fervesse, olhando fixamente para a chaleira. Samuel estava com a memória confusa, e ela pensava que isso era uma ótima oportunidade para viver o presente. As bolhas foram surgindo de baixo para cima, e ela foi notando um grande acontecimento ali.

— Pense na fervura da água. Nas bolhas! — disse, avermelhando, quase em êxtase. Muitos sonhariam em viver assim, eu sonharia em viver assim! Como se fôssemos apenas um instante. Não haveria tempo nem história, apenas aquele momento! — Estava tendo uma clareza enorme sobre o instante.

Assim que apagou o fogo, viu que as bolhas iam diminuindo, desaparecendo. Jogou a água no filtro. Um cheiro quente e misterioso foi tomando conta da cozinha.

Ele deu uma boa gargalhada e repetiu distraído:

— ... as bolhas, as bolhas... Pode ser que tenha sentido, mas a angústia da vida fica ainda maior. Você sabe, quando temos nossos registros, as escolhas que fizemos e seus resultados,

tudo fica gravado e vai nos construindo... A memória é quase um conforto — disse, em uma breve reflexão.

— Veja bem! Não há tempo para a escolha no instante. Só há tempo de ser. Quando a água chega a uma temperatura alta, a bolha simplesmente acontece. O ar, quando entra em movimento, é vento; não há outra forma — tentou parecer mais calma, mas certas ondas subiram, movimentando seu organismo. Será que vivia o instante? Poderia ousar-se tanto quanto era viva naquele instante? Pensava, borbulhando.

— Pode ser... mas olhar essa paisagem atrás da janela me coloca em um lugar no mundo, porque gosto, porque sinto, porque pertença — disse, abrindo os braços. — Mesmo que não tenha certeza do que pensava a muitos anos atrás, sentado aqui, com a minha mãe cozinhando... — E deixou os braços amolecerem, quase derretendo sobre a mesa.

— Não desanime — disse ela, sentando-se ao seu lado. — Você sabe que gosta de um bom café, certo?

Ela sorriu com carinho. Ele fez um gesto de bichinho de estimação.

— E as crianças? Como estão? — ele perguntou, mudando de assunto.

— Muito atarefadas — disse, acalmando-se. — Escola, esportes, amigos! Falta tempo para nada... — disse, sorrindo. — Embora ainda sejam mais bolhas do que nós... Bianca voltava a um estado mais líquido.

— Certamente, são muito ativas! Um bom tempo! Quando eu era criança... eu... talvez... — tomou uma golada grande de café e levantou-se meio tonto. — Poderia andar um pouco pelo terreno? As árvores são tão bonitas, e os pássaros... — disse, retomando um pouco sua corporeidade.

— À vontade! Devo sair em uma hora para buscar as crianças na escola... — levantou-se, retirando as xícaras com pequeninas montanhas e homenzinhos que as escalavam, desenhadas nas borras do café.

AMOSTRA

2 – O escuro

Estava lavando a louça em água gelada quando viu que Rodrigo entrava pela cozinha com as mãos cobrindo o rosto. Estava mancando, e da perna escorria um comprido rio vermelho. Ele foi perdendo o equilíbrio até se deitar no chão. Clara sentia o corpo todo pulsando; parecia sentir a dor dele. Tudo o que ocorria nele se manifestava nela: sono, dor, medo, como uma transfusão de sentimentos e sensações. Pegou o filho no colo e só se deu conta do quanto havia dirigido quando entrou pelo estacionamento do prédio antigo. Tudo ali parecia desmoronar: conceitos, preconceitos, vida familiar. As árvores cinzas se confundiam com o cinza da terra. Mas não podia pensar demais nisso; tinha que encontrar um médico. A melhor amiga dele tinha tido um acesso de fúria e o atacado com seu canivete... Ela puxou o pano de prato pendurado no fogão e amarrou-o em volta do ferimento. Ele estava tão pálido... precisava correr para o hospital, mas não lembrava o nome nem onde era. Puxou o celular, que parecia não responder aos comandos dos dedos molhados. Passaram embaixo de um

andaime; ela fitou o pedaço de céu azul por entre os ferros. Gritou por algum médico. O filho não aguentava mais andar; estava tonto, com os olhos fundos. Uma senhora de avental, com manchas vermelhas, disse que ali não era um hospital, e sim um novo espaço para galeria, uma grande novidade na cidade. Rodrigo entrou chorando pela cozinha... Ela acordou de uma vez, com um nó enorme na garganta. Sentou-se na cama com as mãos no coração. Foi reconhecendo o quarto e a si mesma.

Olhou para a tela montada e correu para abrir a janela. Precisava de ar e, em dois tempos, a noite toda preencheu o quarto. A noite pintava o quarto. Ela só tinha que acompanhar o movimento.

A noite, violeta e cintilante, a tela e o quarto. Clara procurou o esboço na tela, olhando para o que mal se via. Pintar no escuro era quase que adivinhar. As pinceladas da adivinhação eram mais livres, desciam e subiam numa espécie de movimento sonoro mais interno do que externo. A pintura era uma dança, sem passos precisos, sem ordem, sem condução alguma, sem começo nem fim. Essa prática a acalmava. O terreno da introspecção era um caminho aberto. Não dava aflição nem cansaço.

Seus pensamentos estavam atrás da tela. Quase não chegavam à mente ou ao corpo. Espreitavam, torciam por uma brecha, uma rachadura que fosse... As crianças, a exposição no fim do ano, as compras de supermercado, o

casamento que acabou... quando, mesmo, ele buscaria as crianças? Era neste final de semana? Não, não pense agora... suba rapidamente o muro, tijolo por tijolo... eles estão bem! Estão contentes nessa cidade... tudo novo... melhor colocar um portão de ferro, mais rápido, bem pesado, sinta de novo a noite, sinta...

— Mãe? Você está aqui? Posso acender a luz? — disse, sonolento. Ele deu a volta no cavalete, esfregando os olhos com as mãos e abraçou Clara, sentando-se em seu colo.

— Oi, Rodrigo! Estou aqui! Perdeu o sono? — disse, devolvendo o abraço.

— Você fala como se o sono estivesse andando por aí. — E havia um meio sorriso se abrindo no seu rosto.

— Às vezes o sono se perde mesmo... entra numa porta errada, nesse escuro ainda! Muito fácil se perder! — disse, abraçando com força o filho.

Os dois deram risada. Ela levantou-se, pegando Rodrigo pelas mãos, e o levou de volta à sua cama.

— É, o escuro é bom para se esconder — disse, bocejando. — Quando entrei no quarto, achei que era o vô.

— Verdade? Seu avô gostava de ficar no escuro. Dizia que era bom para pensar.

— E você gosta de pintar... — Rodrigo bocejou mais uma vez.

— E você, de dormir! — Ela puxou o edredom, cobrindo o corpo de Rodrigo.

Passou por Bernardo, que dormia ao lado. Tinha o sono tão enraizado. Dormia como se estivesse em uma caverna. Não se perdia facilmente.

Voltou para o quarto e para a tela. Sentou-se, pensando no que o filho tinha dito. Sua tela escura: Escondendo algo. Como podia não esconder? Em quantas camadas de tinta estão suas perdas?

De certa forma, também procurava uma raiz. Estava na casa de seus pais. Embora fosse apenas quando queriam descansar, tudo ali lembrava deles: as janelas de madeira, os móveis antigos e o eterno cheiro de café. O que estava mesmo fazendo ali? Um ano fora da rotina costumeira, perto da natureza, com seus filhos, para pintar uma série de quadros e realizar a exposição.

3 – As rosas

Trazia no porta-malas caixas e caixas de rosas. De todas as cores: amarelas, rosas, azuis e até uma preta, vinda do exterior. Atravessou a porteira e encostou o carro embaixo da árvore. As crianças pareciam alegres, ajudavam a tirar os saquinhos pretos que guardavam as rosas e iam escolhendo nomes para cada uma delas.

— A amarela tem jeito de Amaranta. — disse Bernardo.

— Que nome é esse, moleque? — disse Rodrigo, rindo.

— Um nome amarelado. — resmungou Bernardo.

— Essa aqui será a Julieta, porque é vermelha, como no filme que vimos — continuou.

— E como vamos plantar tudo isso? — perguntou Bernardo, com as mãos na cintura.

— Vamos plantar às cinco da manhã. Antes do sol abrir seus braços sobre elas. — Clara estava sorridente.

— Nossa mãe! Mas vai estar um gelo! Essa cidade é muito gelada. — resmungou Rodrigo.

— Molenga... — provocou o irmão mais novo.

— Quero ver você acordar! — respondeu, vermelho.

— Vamos combinar assim: eu acordo cedo e planto quase todas. Quando acordarem, um lindo arco-íris de flores estará no caminho entre a casa e o caramanchão. Deixo alguns espaços vazios para plantarem quando acordarem. — Clara explicava com nitidez e calma. Estava leve; quase sentia a vida florescer de novo dentro de si.

Os dois saíram se cutucando e correram para a casa.

Ela se viu rodeada de flores, botões, novidades, cores e possibilidades. Reparou bem nos acúleos (como Tiago havia explicado), cada um em seu formato, pontudo e certo. A trajetória do caule era um caminho seguro para o botão, mas ardiloso para os intrometidos. Clara achou curioso colocar a ponta do dedo no acúleo e sentir que ele não cortava.

“Apenas na distração.”, pensou.

Deitou-se de braços abertos. Queria ser plantada. Imaginou alguém preparando a terra e colocando-a carinhosamente ali; ela se aconchegando ao espaço e depois criando raízes e crescendo. Suas pétalas caindo, ela nua e sem nenhum pudor. Até cair totalmente ou ser levada pelo vento. E depois nascer em um novo botão. Um eterno movimento.

Nascer, desabrochar, despetalar, cair, nascer de novo... Podia fazer isso todos os dias, se quisesse. Por que não fazer?

Olhava o céu e sentia-se, ao mesmo tempo, terra e céu.

“Onde ficava a linha divisória?”

Agora parecia não ter forma nenhuma, nem corpo, nem história, nada; só respirava e podia voar ou afundar-se na